

Resenha

La Política e la Storia – Machiavelli e Vico

José Valdir Teixeira Braga Filho¹

ESPOSITO, Roberto. **La Política e la Storia – Machiavelli e Vico**. Napoli: Liguori Editore, 1980. 297p.

“Toda a aproximação é um conflito. O outro é sempre o obstáculo para quem procura”

Fernando Pessoa

Roberto Esposito (1950)² apresenta no seu livro *La Política e la Storia – Machiavelli e Vico* (1980) – inédito em língua portuguesa – um estudo que traça os limites teóricos entre renascimento e modernidade em Nicolau Maquiavel e Giambattista Vico, respectivamente. A relação que esses períodos possuem no livro de Esposito não é de continuidade, mas de ruptura, cisão. Para Esposito, há um conflito entre o pensamento de Maquiavel e o pensamento de Vico que confere a unidade temática com a qual o professor italiano concebeu sua investigação. Embora cada um dos quatro capítulos possua autonomia, há uma relação em vista da problemática do presente do livro, que é a reflexão a um só tempo sobre história, política e epistemologia.

¹ Doutorando em Ética e Filosofia Política pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista CAPES. Integrante do grupo de estudos da Filosofia de Giambattista Vico da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), vinculado à CNPQ. E-mail: valdirdrummer@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3606-3655>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2034368895205414>.

² Pensador italiano cuja obra trata amplamente sobre a problemática da comunidade, da democracia e da política. Como se nota no seu livro *Categorias do Impolítico* (1999). Esposito se situa na tradição da filosofia italiana que, segundo ele próprio, refletiu sobre categoria *vida* na sua complexa relação com as categorias de *história* e *política* desde Maquiavel até a contemporaneidade com Gramsci (ESPOSITO, 2010, p.109).

Aqui, Esposito ensaia um empreendimento parecido com aquele que faria anos mais tarde em *L'Origine della Política: Hannah Arendt o Simone Weil?* (1996)³. Nas duas obras há – numa execução ligeiramente distinta – a mesma estratégia, que consiste em identificar distanciamentos e aproximações entre autores radicalmente opostos, mas que refletiram sobre o mesmo eixo temático. O livro de Esposito se situa, dessa maneira, num horizonte conceitual que está presente em *Origens da Filosofia Burguesa da História* (1931) de Max Horkheimer que, inclusive, possui capítulos sobre Vico e Maquiavel.

A premissa pela qual Horkheimer abrange os autores que escreveram após o período medieval é que, no seu entender, os problemas filosóficos desses autores surgem “da sociedade burguesa que se consolida se liberta das correntes do sistema feudal. E relacionam-se também necessariamente com as faltas, desejos, carências, e contradições específicas dessa sociedade” (HORKHEIMER, 1984, p. 14). Contudo, o trabalho de Esposito não se insere na tradição da teoria crítica e parece aproximar-se mais da tradição foucaultiana que viria a se consolidar alguns anos depois com autores como Giorgio Agamben e Antonio Negri.⁴

Na Introdução, Esposito revela a importância que a concepção de *crise* possui para a sua investigação, porquanto a *crise* é aqui adotada como categoria hermenêutica fundamental. Segundo o filósofo italiano, são nos períodos de crise que surgem o conflito “entre centro (do poder, do saber, do intelecto social) e entre periferia, entre unidade da decisão e pluralidade da participação, entre síntese política e articulação particular das necessidades sociais” (ESPOSITO, 1980, p.13).⁵ A *crise* seria igualmente um dos pontos de convergência entre a contemporaneidade e o período dos filósofos que são objeto de estudo de Esposito.

³ A problemática da história e da política ressurgem no estudo sobre Weil e Arendt, mas com suas especificidades em relação aos filósofos italianos no livro em questão. Nota-se que assim como Vico e Maquiavel, os conceitos e desdobramentos teóricos das duas filósofas derivam da história. Mas a principal distinção entre elas é que partem dos fatos de importância social e política da primeira metade do século XX (ESPOSITO, 2017, p. ix).

⁴ Esses autores – inclusive Esposito – fazem parte da denominada *Italian Theory*. Ambos partiram de perspectivas comuns, como é o caso das concepções foucaultianas de “biopoder” e “biopolítica” e se apropriaram do pensamento do filósofo francês e fizeram novas elaborações ao partirem de suas ideias iniciais sobre o período clássico e parte da modernidade (CAMPA, 2015, p.169).

⁵ Tradução de “tra centro (del potere, del sapere, dell'intellecto sociale) e tra periferia, tra unità della decisione e pluralità della partecipazione, tra sintesi politica e articolazione particolare dei bisogni sociali”.

Para nosso autor, a contraposição ente Maquiavel e Vico também configura uma mudança de paradigma da filosofia política. Nesse caso, a mudança consiste na passagem do *quê* para o *como*, sobretudo no que concerne ao agir humano ou, em outros termos, a práxis social. É ela que define a racionalidade do poder e sua subjetividade que, por seu turno, se define a partir das diversas transformações da política e da cultura. Em resumo, política, ética e ciência não existem autonomamente:

É como se a ciência, ou seja, a razão, nascida de uma práxis social em formação e em fermento (o mundo do sentido e da fantasia), fosse reunida, e quase se mensurando, numa fase de consolidação epistêmica e, portanto, necessariamente especializada, para reinserir e retraduzir-se no grande quadro social da história do mundo (ESPOSITO, 1980, p.41-42)⁶

A política, a ética e a ciência, portanto, são consideradas sob a unidade da civilidade. Esses saberes especializados, podem (e devem) ser abordados segundo a universalidade da civilidade porque ela oferece como fundamento a razão da formação dos Estados, dos Governos e de outras instituições e práticas coletivas. Por essa via, é possível analisar a gênese histórica da formação e estabelecimento da política e da cultura. Assim, Esposito considera a relação entre Vico e Maquiavel na especificidade epistêmica de cada um, no que concerne a relação entre história e política, considerando, a um só tempo, a mudança paradigmática dos saberes, também considerada historicamente.

O livro está em diálogo com muitos pesquisadores e filósofos que se debruçaram sobre os autores em questão, como é o caso de Nicola Badaloni, Leo Strauss, Massimo Cacciari, Reinhart Koselleck para citar alguns. Há uma pesada carga conceitual e bibliográfica nos argumentos que Esposito apresenta em sua obra, e é essa característica marcante torna a sua interpretação de difícil compreensão. Pelo mesmo motivo, é difícil resumir os argumentos de Esposito, mas ainda é possível esboçar a ideia central de cada capítulo, a começar por Maquiavel.

No capítulo primeiro *I Discorsi di Machiavelli e la genesi della forma moderna della politica*, Esposito analisa os *Discursos* e *A arte da guerra* a fim de identificar como Maquiavel formulou uma teoria política ao considerar as experiências históricas

⁶ Tradução de “É come si la scienza, e cioè la ragione, nata da una prassi sociale in formazione ed in fermento (il mondo del senso e della fantasia), si racuogliesse, e quase si misuasse, in una fase di consolidamento epistemico, e dunque necessariamente specialistico, per por reimmettersi e ritradursi nel grande quadro sociale della storia del mondo”

passadas. O que distingue Maquiavel dos seus contemporâneos no Renascimento e dos seus antecessores no Medieval, é que ele entende a política não como *harmonia*, mas como *conflito*. A guerra faz com que a ordem seja perpetuada por meio da expansão e, assim, faz com que o Estado permaneça *vivo* ao incorporar o antagonismo entre as classes. Numa palavra, o que constitui a unidade do Estado não é outra coisa senão o conflito (ESPOSITO, 1980, p. 73).

O capítulo segundo, *La politica nella crisi: Il Principe*, toma como ponto de partida a ideia de conflito que Maquiavel extraiu da história e que passa a examinar a partir da figura do príncipe. Segundo Esposito, Maquiavel já estaria advertido sobre o papel que a ideologia exerce na construção de sentido na realidade e na manutenção do poder. O príncipe, defende Esposito, não possui apenas relevância na condução da política do conflito entre as classes antagônicas por ser o soberano, como também possui uma função estrutural. Ele explica que “o poder unifica, portanto, substitui a própria diferença, na própria forma de imaginação; mas em favor de uma nova, e dessa vez radical divisão” (ESPOSITO, 1989, p.148).⁷ Segundo Esposito, Maquiavel é responsável pela funcionalidade do saber no poder político e, assim, o poder político não é mais emancipado das ciências, como também age sobre elas. Esposito encerra essa primeira parte do seu estudo com uma tese sobre a filosofia de Maquiavel: o conflito não faz parte apenas da vida política, mas ele é ontológico e se aplica ao real em sua totalidade. Mas o poder só se efetiva quando há *virtù* contra a *fortuna*: a ideologia se faz presente quando príncipe faz uso de sua *virtù* para agir sobre o conflito.

O terceiro capítulo *Giambattista Vico: dalla filosofia della differenza alla teoria della storia* começa com uma avaliação à interpretação de Hans-Georg Gadamer sobre Vico. O que Esposito questiona no Vico de Gadamer é que, para o filósofo alemão, uma ciência da história só é realizável numa perspectiva hermenêutica que exclui a história da dimensão da ciência: Gadamer, dessa forma, inseriu Vico na tradição do *historicismo alemão*⁸ (ESPOSITO, 1980, p. 172-173). Convencido de que

⁷ Tradução de “il potere unifica dunque: rimpie la propria differenza, nella forma dell’immaginario; mas al prego di una nuova, e questa volta radicale divisione”

⁸ O termo “historicismo” possui muitas dificuldades em relação a sua definição, pois sua gênese e sua história remetem a diferentes usos, teorias e posicionamentos. Não há unanimidade no que historicismo significa e, por essa razão, é possível distinguir o significado que ele em culturas distintas, como é o caso da alemã e da italiana, para citar apenas dois exemplos. Segundo Pietro Rossi, na cultura alemã o historicismo indica uma atitude relativista em relação aos valores do ponto de vista cultural e histórico.

esses pressupostos fomentaram a interpretação gadameriana de Vico, Esposito propõe reexaminar as obras do filósofo italiano a fim de apresentar uma outra compreensão da relação história-ciência em Vico. Esposito analisa a distinção entre as *Orationes* e o *De Ratione* com o intuito de defender a tese de que, de uma obra para outra há uma mudança na orientação do pensamento de Vico: “a passagem de uma leitura ético-psicológica à leitura histórico-metodológica do saber” (ESPOSITO, 1980, p. 186).⁹ Assim, a dimensão social assume uma importância não apenas pedagógica, mas também epistemológica na teoria viquiana, pois a histórica e a civilidade passam a ser categorias fundamentais na construção do saber já não limitado apenas à mente.

No quarto e último capítulo, *La storia come scienza*, Esposito identifica e interpreta as polêmicas de Vico em relação a autores como Hobbes e Maquiavel em relação ao problema epistêmico da história e, por consequência, ao problema ético da perspectiva de um humanismo-cívico que já não é aquele do período renascentista, pois deve enfrentar o *cartesianismo* culturalmente predominante. Assim, o estudo se aprofunda nas obras tardias de Vico, como o *De Uno* e a *Scienza Nuova*. De nossa parte, julgamos que esse pode ser considerado o capítulo mais complexo do livro – nesse momento, o escritor retoma todas as estratégias analíticas e argumentativas presentes nos momentos anteriores, tornando difícil a assimilação por parte do leitor, algo que reafirma o caráter de estudo avançado que a obra possui.

Passados quarenta anos da obra de Esposito é preciso reconhecer que ela possui um lugar de relevância entre os estudos viquianos e maquiavelianos que surgiram no curso do tempo, o que torna curioso o fato de que o livro ainda não tenha sido vertido para outros idiomas, assim como outros títulos de autoria de Esposito já citados nessa resenha. Pode-se concluir que o livro de Esposito constitui uma leitura importante para aquele que se interessa não apenas pela história da filosofia política italiana, mas pelo problema da relação política-ciência-história em sentido amplo. Embora o livro não seja um manual, ele possui uma variedade de momentos

Enquanto na cultura italiana, trata-se de uma concepção da história que afirma a historicidade de todo real, abrangendo, assim, cada conhecimento, até o histórico (ROSSI, 1977, p.7). Uma tentativa de apresentar as diferentes formas de historicismo tanto na modernidade quanto na modernidade pode ser conferida em (TESSITORE, 1991).

⁹ Tradução de “il passaggio da una lettura etico-psicologica ad una lettura storico-metodologica del sapere”.

elucidativos que facilitam a compreensão de aspectos importantes dos filósofos em questão. O mérito da interpretação de Esposito – longe de querer dar a última palavra sobre o tema – está na sua possibilidade de abrir outros caminhos de pesquisa possíveis.

Referências

CAMPA, Ricardo. Biopolítica e biopotere: Da Foucault all'italian theory e oltre. **Orbis Idearum**. Krakow. v. 3, n. 1, p. 125.170, 2015.

ESPOSITO, Roberto. **Categorias do Impolítico**. Tradução de Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

ESPOSITO, Roberto. **La Política e la Storia – Machiavelli e Vico**. Napoli: Liguori Editore, 1980.

ESPOSITO, Roberto. **On Contemporary French and Italian Political Philosophy: An Interview with Roberto Esposito**. Entrevista cedida a Timothy Campbell e Federico Luisetti. *Minnesota Review*, n. 75. 2010. Disponível em: https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2020/04/Esposito_Campbell_Luisetti.pdf. Acesso em: 13.mar.2022.

ESPOSITO, Roberto. **The Origin of the Political: Hannah Arendt or Simone Weil?** Tradução em inglês de Vincenzo Binetti e Gareth Williams. New York: Fordham University Press, 2017.

HORKHEIMER, Max. **Origens da filosofia burguesa da história**. Tradução de Maria Margarida Morgado. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego por Bernardo Soares**. Vol. I. Lisboa: Ática, 1982.

ROSSI, Pietro. Introduzione. In: ROSSI, Pietro (Ed.). **Lo Storicismo Tedesco**. Torino: Unione Tipografico; Editrice Torinese, 1977.

Recebido em: 09/05/2022.
Aprovado em: 05/06/2022.

Received: 09/05/2022.
Approved: 05/06/2022.